

O DUPLO E O INSÓLITO NA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM DO CONTO “A MÃO PERDIDA NA CAIXA DO CORREIO”

Antonia Marly Moura da SILVA *
Francisco Edson Gonçalves LEITE**

■ **RESUMO:** Questões relacionadas à identidade do eu sempre despertaram o interesse e a inquietação de estudiosos dos mais variados campos epistemológicos. Tomando como referência essa realidade, objetiva-se, neste trabalho, analisar as configurações assumidas pelo mito do duplo no conto “A mão perdida na caixa do correio”, de Ignácio de Loyola Brandão. O conto aborda a difícil tarefa de constituição de uma identidade em um mundo atual instável. O fenômeno da duplicidade se efetiva a partir de uma cisão operada no sujeito e reflete uma procura pelo resgate das potencialidades latentes do eu inibidas pela sociedade. Nesse sentido, coloca-se em discussão a crise identitária vivenciada pelo homem moderno, segundo a qual o ser duplicado é signo de um eu esfacelado e fragmentado. Embora mantenha em sua essência o símbolo da busca da identidade, o mito do duplo é atualizado nesse conto brasileiro contemporâneo, adequando-se às exigências do contexto histórico atual.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Duplo. Cisão. Brandão.

Introdução

Falar sobre identidade é tratar de um tema que inquieta a humanidade desde os primórdios; afinal, a clássica pergunta “quem sou eu?” inscreve-se ao longo dos séculos, revelando ser uma indagação milenar. Um tema tão antigo e que persiste com vigor ao longo da história da humanidade tem sua razão de ser: interessa ao homem porque trata justamente do que há de essencial nele. Diversas produções humanas, desde as mitologias, passando pela filosofia e pelas artes em geral, entre outros domínios, revelam essa preocupação com questões relacionadas ao tema do

* UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes – Departamento de Letras Vernáculas. Mossoró – RN – Brasil. 59610-210 – marlymouras@uol.com.br

** UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pau dos Ferros – RN – Brasil. 59900-000 – edsongleite1@yahoo.com.br

esfacelamento do eu, o que demonstra a centralidade da problemática em diferentes épocas. Várias foram também as tentativas de resposta para esse questionamento existencial, cada uma delas em estrita consonância com as demandas sociais do período.

No contexto atual, as profundas transformações sofridas pela sociedade em sua estrutura organizacional, inevitavelmente, refletem-se na constituição do sujeito, especificamente na construção do eu e nas relações estabelecidas entre o indivíduo e o meio social. Conforme afirma Jameson (2006), o contexto contemporâneo decreta a morte do próprio sujeito, ao enfatizar o seu descentramento. Hall (2006) comunga dessa mesma ideia, ao afirmar que as identidades centradas e unificadas, que promoviam estabilidade para o sujeito, não encontram mais espaço nesse contexto. Bauman (2005, p. 19) vê a construção do sujeito na sociedade contemporânea – que ele denomina de “modernidade líquida” – sob essa mesma ótica, ao afirmar que “[...] o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.” A multiplicidade de papéis assumidos pelos sujeitos como resposta às demandas dessa sociedade fluida e instável mina, pois, com a concepção, até então vigente, da constituição homogênea da subjetividade, questionando, com isso, a própria noção do eu como centro da consciência e transparente a si mesmo. Esse cenário moderno traz, portanto, para o primeiro plano as discussões sobre as representações identitárias.

A literatura, a partir de suas relações estabelecidas com o contexto sócio-histórico que a circunda (cf. CANDIDO, 2000), passa à representação dessas identidades fragmentárias. No Brasil, especificamente, o sujeito fragmentado passa a ser alvo de representação literária, principalmente a partir do Modernismo, e assume maior intensidade na literatura contemporânea, sendo o duplo uma dessas vertentes de representação dessa crise da subjetividade na atualidade.

Embora tenha ganhado proeminência na atualidade, o questionamento “quem sou eu?” é antigo e inscreve-se, de formas variadas, na tradição de diferentes sociedades. O mito do duplo, enquanto figura arcaica (cf. BRAVO, 1998), é, portanto, representativo dessa disseminação espaço-temporal das lutas travadas pelo eu na angustiante, mas necessária, busca da afirmação de uma unidade.

No entanto, vale destacar que a temática do duplo não é exclusiva da literatura. Entretanto, é considerada um campo privilegiado em que a mitologia de modo geral, e particularmente o mito do duplo, são, numa transmutação alquímica, constantemente retomados e (re)escritos, através de uma rede intertextual indestrinçável. A historicidade do mito do duplo atesta também o caminho percorrido pelo sujeito da unidade e estabilidade à fragmentação e dispersão das identidades verificadas no contexto atual, embora conserve em sua essência o símbolo da busca da identidade através da relação do eu com o outro.

As primeiras representações do duplo, que datam da antiguidade até o final do século XVI, apresentam um duplo homogêneo (o gêmeo, o sósio). Entretanto, essa homogeneidade é paulatinamente abandonada, dando lugar a representações heterogêneas do duplo. Isso é possibilitado, conforme afirma Bravo (1998, p. 267), pela “abertura para o espaço interior do ser” a partir do século XVII, forçando “[...] ao abandono progressivo do postulado da unidade da consciência, da identidade de um sujeito, única e transparente.” É graças a essa nova percepção que surgem obras como *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, dentre outras, que minam com a ideia de unidade subjetiva das personagens. Essa heterogeneidade na representação do duplo assume uma forma ainda mais radical a partir dos postulados da psicanálise freudiana no início do século XX, principalmente pelas infinitas possibilidades abertas através da exploração das potencialidades do inconsciente humano.

Desse modo, qualquer consideração do duplo nas representações literárias modernas deve necessariamente observar as nuances assumidas por esse mito ao longo da tradição, já que a ideia de dualidade é antiga e sua expressão na mitologia abrange uma variedade de narrativas. Tal postura torna possível considerar os diálogos e as relações intertextuais que emergem no jogo estabelecido com a tradição, de modo a compreender as apropriações metafóricas do mito do duplo na modernidade.

No contexto moderno, em que as concepções de sujeito e de subjetividade são problematizadas, o mito do duplo, mais uma vez, demonstra sua fertilidade e seu poder de adaptação, configurando-se como um motivo literário através do qual são representadas as batalhas do eu pela busca da identidade, emblematizando a consciência da natureza fragmentada e dual do sujeito. Essa recorrência ao mito do duplo na modernidade deve-se muito ao fato de que a ilusão da personalidade una do Renascimento não encontra mais ressonância nesse contexto. O sujeito moderno é cômico de sua duplicidade, razão pela qual as produções literárias das últimas décadas do século XX apresentam nítida recorrência à temática do duplo. É, pois, nessa atmosfera de crise da subjetividade que se insere a narrativa de Brandão (2000) “A mão perdida na caixa do correio”, integrante da obra *O homem que odiava a segunda-feira: as aventuras possíveis*. Nesse conto, buscar-se-á desnudar as nuances e as implicações da representação do duplo, através de um sujeito em crise.

Afinal, o que é o duplo?

Ao longo da história, o fenômeno da duplicidade adquiriu diferentes nomenclaturas, embora todas elas, em última análise, mantenham a ideia central de desdobramento do eu, seja este concebido objetiva ou subjetivamente. López (2006) apresenta alguns dos termos correlatos à palavra “duplo”, como alter-ego,

sósia, o outro, segundo eu e *doppelgänger*, este último cunhado pelo romântico alemão Juan Paul em sua novela *Siebenkäs*.

Se os termos para denominar o fenômeno da duplicidade são múltiplos, a mesma diversidade verifica-se nas tentativas de conceituação e delimitação dele. Essa dificuldade advém, em parte, da própria ambivalência que está na base de sua constituição, bem como dos diferentes traços que adquiriu ao longo da tradição. Contudo, López (2006, p. 17, tradução nossa) identifica um ponto central para o qual diferentes definições, em maior ou menor grau, convergem: “O proteico conceito de duplo gira em torno das noções de dualidade e binarismo, e se constrói em função de uma luta entre princípios, potências ou entidades opostas e complementares ao mesmo tempo.”¹

Enquanto motivo literário, o duplo manifesta-se como resultado de uma confrontação entre duas facetas de uma mesma personagem (o original e a cópia deste), com uma continuação física e/ou psicológica entre os dois: “O duplo aparece quando duas incorporações da mesma personagem coexistem em um mesmo espaço ou mundo ficcional [...]”² (LÓPEZ, 2006, p. 18, tradução nossa). Esse confronto pode realizar-se através da presença simultânea do original e da cópia, por meio do espelhamento e da contemplação de sua imagem pela personagem. O encontro com o duplo apresenta-se sempre como inquietante e desestabilizador para o sujeito, visto que o desdobramento introduz questionamentos sobre sua identidade e unidade, resultado do confronto entre o eu e o outro. Sua materialização no texto literário efetua-se através de elementos recorrentes, como o espelho, o reflexo, a sombra, o retrato, bem como de sequências narrativas que explicitam o conflito potencialmente presente nas manifestações da duplicidade: confrontação entre o original e seu duplo, usurpação de personalidade, dúvidas sobre a verdadeira identidade e impulso para aniquilar o rival (cf. LÓPEZ, 2006).

Desse modo, essas considerações gerais sobre a duplicidade acima apresentadas são suficientes para demonstrar que tal fenômeno caminha num sentido contrário ao pensamento lógico-racional, uma vez que transcende a visão mecanicista e unilateral a qual os olhos do homem moderno se encontram acostumados. Isso justifica também a inquietação, principalmente no contexto da modernidade, que o duplo suscita, pois torna movediço o chão firme sobre o qual se ergue toda a arquitetura conceitual baseada na filosofia do esclarecimento.

¹ “El proteico concepto de doble gira en torno a las nociones de dualidad y binarismo, y se construye en función de una lucha entre principios, potencias o entidades opuestas y complementarias a la vez.”

² “El doble aparece cuando dos incorporaciones del mismo personaje coexisten en un mismo espacio o mundo ficcional [...]”

A mão perdida na caixa do correio

O conto “A mão perdida na caixa do correio” foi publicado originalmente na coletânea *O homem que odiava a segunda-feira: as aventuras possíveis*, no ano de 1999. É narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente e, como o próprio título já sugere, apresenta a saga de um homem em busca de sua mão, perdida numa caixa de correio. O fenômeno da perda da mão cumpre um importante papel na arquitetura da narrativa, pois assume o *status* de fio norteador de todo o enredo, governando o desenvolvimento e o desfecho da história e instaurando uma atmosfera fantástica. Ademais, o evento insólito suscita uma série de reflexões que, entre outros aspectos, parece constituir, metaforicamente, um questionamento sobre a condição do sujeito humano na sociedade atual.

Como grande parte da literatura de Brandão, a narrativa é ambientada no contexto urbano de uma grande metrópole: o enredo se desenvolve na cidade de São Paulo, maior centro produtor e consumidor do país e ícone da modernização brasileira. Imersa nesse espaço, a trama evidencia as contradições de uma cidade grande, permitindo uma visualização, ainda que limitada, da heterogeneidade que a constitui. Assim, são apresentados ao leitor tanto a imponência das grandes obras arquitetônicas como também o ambiente degradado dos subúrbios, o submundo às margens dos grandes centros, marcas estas inerentes à própria modernidade. Ao abrir espaço, em sua literatura, para as esferas marginais da sociedade moderna, Brandão põe em cena indivíduos a quem comumente, na literatura, não foram dadas nem vez nem voz. É, portanto, desse estrato social que brota o protagonista da narrativa em análise: um escrevente de cartório de meia idade.

Seguindo a tendência dos textos fantásticos, a história inicia-se operando um corte na realidade cotidiana, representado pela perda da mão pelo protagonista. Esse acontecimento insólito irrompe em meio a uma atmosfera de aparente trivialidade e que, a princípio, não teria nenhum outro desdobramento, afinal, são inúmeras as pessoas que diariamente depositam correspondências em caixas de correios: “Forçou o envelope pela abertura, não entrou. A caixa devia estar cheia.” (BRANDÃO, 2000, p. 25). No entanto, é dessa situação corriqueira que se desencadeia um evento não convencional: “Ele forçou a tampa da caixa postal. Ficou assustado ao ver sua mão se soltar e cair dentro da caixa junto com o envelope. Não sentiu dor. Nem o mais leve comichão. A mão simplesmente se desprende, como se estivesse presa por parafusos frouxos.” (BRANDÃO, 2000, p. 26-27). Some-se a isso o modo como a mão se separa do restante do corpo: “A mão deixando o braço, sem sangue e sem dor, deslocando-se mansamente, era para deixar qualquer um desequilibrado [...]” (BRANDÃO, 2000, p. 27). Aqui, o narrador deixa expressa a exata impressão da falta do fluxo de vida entre o membro decepado e o restante do corpo. Do ponto de vista simbólico, o sangue, conforme destacam Chevalier e Gheerbrant (2009), é universalmente considerado como símbolo de vida. Assim, a ausência do fluxo

sanguíneo, quando da cisão do membro, abre a possibilidade para duas interpretações não excludentes entre si: uma literal, que representa, biologicamente, a cessação da vida no organismo animal; outra metafórica, que aponta para uma morte simbólica do sujeito, posição esta que é confirmada ao longo da narrativa. Apesar da natureza inusitada do evento, o narrador apresenta-o de maneira direta, sem rodeios, o que contribui para uma impressão maior de realismo.

Nessa narrativa, os eventos incomuns somam-se a outros, compondo um quadro até certo ponto dantesco. É por isso que se pode afirmar que, tão absurdas quanto o evento em si da perda da mão, são também outras situações que a partir dele se desdobram. O que falar dos fantasiosos pensamentos da personagem sobre a possibilidade de partes do corpo humano, como cabeça, membros, dentre outros órgãos, serem destacáveis e reimplantáveis? E as notícias de acontecimentos bizarros que brotam todos os dias ao redor do mundo, elencadas em abundância pelo narrador, cada uma mais absurda que a outra? Mesmo diante dessas situações inquietantes que parecem normalizar o absurdo, o evento da perda da mão permanece incompreendido.

Nesse contexto em que o insólito se acomoda de modo tão “natural” à realidade das personagens, a tentativa da figura masculina de culpar a segunda-feira pelo acontecimento nem chega a surpreender tanto o leitor: “Era uma situação nova, inesperada. Culpa da segunda-feira, nem precisava pensar, um dia tenebroso.” (BRANDÃO, 2000, p. 27). A perda da mão, dadas as circunstâncias em que se processou, desinquieta a personagem e a leva a uma busca frenética e incessante por essa parte faltante de seu corpo. Entorpecido pela atmosfera de mistério e estranheza que envolve tal evento, o protagonista é constantemente inundado por conjecturas e pensamentos difusos e absurdos. Isso inclusive é o motivo, em algumas partes da narrativa, de o protagonista perder parcialmente o contato com o contexto imediato que o cerca, sendo trazido de volta pela perturbadora realidade da perda da mão: “Outra vez os pensamentos o afastavam da mão. Precisava se concentrar.” (BRANDÃO, 2000, p. 43).

A incapacidade de compreender o evento insólito aparece, também, como uma crítica, ainda que de forma bem-humorada, à estrutura de conhecimento lógico-racional profundamente arraigada nas sociedades humanas. Essa crítica advém de sua insuficiência para explicar racionalmente a perda da mão pela personagem na caixa do correio. Como um homem de seu tempo, ou seja, como sujeito historicamente situado, filho de uma sociedade centrada no *logos* e na razão, é prudente a tentativa de enquadrar o evento insólito dentro de uma estrutura racional de pensamento, quando questiona: “A mão na caixa. Haveria nos recortes e livros uma explicação?” (BRANDÃO, 2000, p. 29). Visto que a ciência desempenha na sociedade atual um papel de destaque, subjugando outras formas de compreensão do universo (a religião, a mitologia), e tem pretensão de explicar todos os fenômenos e dominar, através do conhecimento, o universo, nada mais compreensível do que

a personagem, diante de tal situação, buscar amparo no conhecimento científico. Entretanto, nem mesmo a *Enciclopédia do inexplicável*, de Jerome Clark, *O estranho e o extraordinário*, de Charles Berlitz, e *Casos malditos*, de Charles Fort, obras essas integrantes da biblioteca particular da personagem, apresentam-lhe uma resposta satisfatória. Como se sabe, os livros, de modo geral, configuram-se como os repositórios do conhecimento científico e racional produzido pelo homem. Nesse conto de Brandão, os nomes dados aos títulos dos livros, por si sós, já chamam atenção do leitor, principalmente pela natureza incomum dos conteúdos que sugerem, adentrando, portanto, num universo de ilogicidade e irrealidade. No entanto, a crítica realizada à ciência de modo geral é indissociável de um humor sutil que ajuda a criar um clima leve na narrativa.

A ruptura efetuada pelo episódio insólito no cotidiano da personagem acarreta-lhe sérias consequências. A partir desse momento, o protagonista parece adentrar em outro nível de realidade, em que uma série de eventos estranhos passa a ser aceita por ele com certo ar de naturalidade. Em algumas passagens, o nítido contraste que se apresenta entre as bizarras atitudes do protagonista e a postura, considerada racional pela sociedade, de outras personagens da narrativa, chega a tornar-se risível. Como exemplo, pode-se citar a passagem em que o protagonista tenta evitar que uma mulher deposite uma correspondência na caixa em que, pouco antes, perdera a mão:

–Pode me dar licença?

A voz irritada despertou-o, viu a mulher suada, com um perfume doce, desesperador, agitando um envelope roxo.

–Posso colocar minha carta? Se não for perturbá-lo muito!

–Claro que pode. Mas não deve!

–E por que não?

–A caixa está engolindo mãos.

–Ora, faça-me o favor. Gozações logo de manhã, com esse calor, a chuva ameaçando? Quem garante que não vem outra inundaçãõ? Cada dia tem mais louco e ladrão em São Paulo, não dá pé! (BRANDÃO, 2000, p. 37).

Dessa forma, percebe-se, na figura da mulher que vem depositar a carta, o protótipo do cidadão “comum e racional” que tem uma vida corrida e uma série de outras preocupações diárias. Aqui, tem-se a síntese do perfil de uma parcela da sociedade atual, de homens e mulheres que são “esmagados” pelas ocupações e preocupações cotidianas e que levam uma vida automatizada. Na referida situação, a mulher não acredita na advertência de que “a caixa engoliria mãos”. Esse instante desestabiliza também o leitor, que se vê diante de duas reações opostas: a do protagonista e a da mulher. A confrontação entre esses dois extremos – o racional

e o irracional – chega, em algumas situações, a beirar o limite do ridículo, caso representado pelo diálogo entre o protagonista e um funcionário dos correios:

Ele chegou diante do guichê. O funcionário espirrava. Tinha um lenço verde na mão.

–Sim, sim, atchim, sim, atchim... posso ser útil?

–Perdi a mão.

–E por que vem ao correio? Perdeu aqui dentro?

–Numa caixa de coleta.

–Estava endereçada?

–Como endereçada?

–Tinha destinatário? Remetente? CEP correto?

–E por que eu iria colocar CEP na mão?

–Está no manual, doutor. Preciso fazer as perguntas. Atchim.

(BRANDÃO, 2000, p. 50).

Nessa cena, o funcionário, preocupado em seguir estritamente as normas burocráticas para atendimento aos clientes, não demonstra qualquer surpresa com o objeto procurado pela personagem (inclusive, parece desconsiderá-lo). Dessa forma, o diálogo não se torna absurdo unicamente pela natureza do objeto procurado, mas, principalmente, pela forma como o atendente conduz a situação, ao fazer perguntas descabidas, considerando o contexto. Isso se deve, substancialmente, à obediência irrestrita do funcionário aos manuais, que, supostamente, reúnem um conjunto de protocolos a fim de racionalizar o atendimento ao público, visando à eficácia, à eficiência e à produtividade. Aqui, percebe-se, na verdade, através da ironia e de um humor sutil, uma crítica ferrenha às instituições públicas, que, burocratizando excessiva e desnecessariamente seus serviços, chegam ao limite do absurdo.

Durante o processo compreendido entre a perda da mão e o desfecho da narrativa, a personagem vivencia uma série de outras situações inusitadas que rompem com os padrões da normalidade cotidiana, enredando-se completamente nelas: passa a noite inteira a vigiar a caixa do correio em que perdera a mão, a fim de flagrar o momento da coleta; como não obtém sucesso, segue para a Agência Central dos Correios, dirigindo-se especificamente para o guichê “Encontrados”, na expectativa de recuperar o membro perdido; de lá, é direcionada, por fim, para outro departamento dos Correios, a Expedição, onde um funcionário obsessivamente amedrontado de perder o emprego finda matando-a estrangulada.

Estrangulou-o e manteve o arrocho bastante tempo, até certificar-se de que o outro estava morto. Envolveu o corpo num saco plástico, grosso, jogou-o dentro de uma embalagem de lona, onde estava escrito em letras vermelhas: CORRESPONDÊNCIA EXTRAVIADA. (BRANDÃO, 2000, p. 63).

Dessa forma, a busca pela mão tem um desfecho trágico, uma vez que resulta na morte da personagem. Tão emblemático quanto isso é o nome anotado na embalagem para descarte do corpo dele, “correspondência extraviada”, escrito em caixa alta, numa clara tentativa de chamar a atenção do leitor para a atroz ação realizada pelo funcionário. Isso, evidentemente, aponta para a descartabilidade do sujeito humano no mundo moderno e ressalta a frieza que impera nas relações humanas.

A narrativa encerra-se com um fato ainda mais surpreendente, acrescentado pelo narrador como uma espécie de apêndice no qual é revelado ao leitor o real destino da mão: encontrada por uma funcionária dos correios, é trazida para a casa desta e, dada sua inutilidade, atirada no quintal para o cachorro. Aqui, o narrador não deixa dúvidas de que a personagem realmente havia perdido sua mão numa caixa de correio – se é que essa dúvida ainda pairava na mente do leitor. No entanto, esse acontecimento insólito é apresentado pelo narrador de forma natural e, por conseguinte, aceito também pelo leitor, no final da narrativa, dessa mesma maneira – embora esse fato não diminua em nada a estranheza do evento, que permanece inexplicável. O que chama atenção é a finalidade com que a funcionária recolheu a mão e trouxe-a para sua casa: obter algum tipo de compensação financeira. Acrescenta-se a isso a naturalidade com que essa mesma personagem, para desfazer-se da mão, joga-a no quintal para o cachorro, demonstrando frieza e nenhum interesse em sequer questionar como tal membro fora parar numa caixa de correio.

Tão importante quanto o fato principal gerador do enredo, no caso, a perda da mão, são as reflexões efetuadas e as situações vivenciadas no interstício entre o momento da perda e o desfecho da história, que ajudam o leitor a compreender melhor o contexto em que as ações se desenvolvem. Nesse percurso, o protagonista se vê inundado por uma série de questionamentos e outros pensamentos difusos que, dentre outros aspectos, suscitam significativas reflexões sobre o homem e a sociedade atuais. Isso porque o fantástico, nessa narrativa, assume uma perspectiva crítica: a realidade é ela própria tornada absurda, o que permite ao narrador questionar, de forma irônica e com algumas doses de humor, aspectos importantes da sociedade atual, aqui implicados o mundo moderno, bem como homem e instituições sociais por ele criadas e sustentadas.

O conto expressa em suas páginas marcas indeléveis impostas pela modernidade, com suas contradições e conflitos característicos. A importância da abordagem de tais aspectos reside basicamente na consideração de que é no seio das relações sociais que o sujeito se constitui: o contexto circundante interfere diretamente no modo como o indivíduo constrói sua identidade.

Fica evidente na narrativa a relação conflituosa entre o velho e o novo, dialética inscrita nas entranhas da sociedade moderna e que afeta, inevitavelmente, os sujeitos imersos nesse contexto. A própria personagem enfrenta os problemas trazidos pela

modernidade no âmbito das relações profissionais e de trabalho. Na condição de escrevente, ofício esse, aliás, ameaçado de extinção, esse ser sente na própria pele as consequências da modernização, representada pela introdução do computador no ambiente de trabalho: “Se cuide você! Esses livros velhos e incômodos vão se acabar levando a tua raça junto. Ninguém mais escreve à mão.” (BRANDÃO, 2000, p. 39). Como se vê, a modernidade impõe uma dinâmica própria à sociedade. Cabe ao indivíduo adaptar-se a esse novo contexto ou, do contrário, ser excluído dele. A instabilidade provocada pela constante inserção do novo, que, por sua vez, requer uma reorganização do sistema, é temida pela personagem, possivelmente influenciada por sua experiência pessoal.

Os indivíduos da sociedade moderna convivem diariamente com essas incertezas, embora muitos deles sequer tenham consciência desses fatores, imbricados que se encontram no sistema e automatizados pelo ritmo frenético da rotina diária: “A maioria passa o dia assim, daí a nebulosidade do cotidiano, a sensação de que todos vivem semiadormecidos ou hipnotizados, trabalhando e vivendo sem emoções.” (BRANDÃO, 2000, p. 30). Esse modelo de vida pregado e exigido pela modernidade reflete inevitavelmente no modo como o indivíduo vê o mundo e relaciona-se com ele. Com foco no individual, perdem-se as relações estáveis e autênticas com o outro e o sentimento de coletividade, resultando numa atomização e na solidão vivenciada pelo sujeito moderno. A personagem do conto, abandonada pela mulher, isola-se do mundo em termos afetivos. O que sobra dessa relação é uma foto de sua esposa pelada, na qual ele parece projetar os sentimentos que nutria pela sua companheira real, refletindo claramente um culto do simulacro: “A foto ficou. [...] Todas as manhãs e todas as noites ele estaria diante do espelho, a adorá-la. Você é a minha oração de cada dia, ele disse.” (BRANDÃO, 2000, p. 42).

Além de interferir no plano das relações pessoais, a modernidade também altera profundamente o modo como o sujeito se relaciona com a sociedade a sua volta. Se, como observa Lukács (1999), o romance nasce como oposição à epopeia clássica, com vistas a representar retratos da vida privada numa sociedade centrada no sujeito individual, a modernidade acelera esse processo de atomização do homem, em que o sujeito, em sua individualidade, passa a agir segundo convicções próprias que não mais coincidem com as expectativas da totalidade. Na narrativa de Brandão, verifica-se a radicalização dessa postura, no momento em que uma personagem do conto convoca o protagonista da história a se juntar a um movimento em prol da extinção da segunda-feira:

Tudo é culpa da segunda-feira, um dia terrível, nada dá certo nele. Aceitem meu convite, venham para a reunião. Vamos debater o porquê da existência da segunda-feira. Vamos propor sua extinção. Precisamos fazer um movimento nacional, que empolgue o povo, como o Diretas-já. Vamos para as ruas com as caras pintadas. (BRANDÃO, 2000, p. 38).

Mais uma vez, utiliza-se do humor para criticar e ridicularizar um pseudoativismo que se mostra absurdo. O discurso acalorado conclamando a personagem a se unir a um movimento nacional à semelhança do “Diretas-já” revela dois aspectos sintomáticos da perda do sentido de coletividade no contexto da modernidade. Primeiro, o movimento tem como origem um sentimento de uma pessoa em particular, que odiava a segunda-feira por se sentir doente nesse dia. Segundo, trata-se de uma causa fútil, a saber, a abolição da segunda-feira. O engajamento em tal movimento revela, na verdade, a falência e/ou a falta de ideais autênticos compartilhados por uma coletividade. No caso específico da narrativa em análise, a apologia pelo fim da segunda-feira, consideradas as devidas proporções, simboliza as falsas “bandeiras” erigidas pela sociedade moderna, a fim de preencher a lacuna deixada pela perda do sentimento de coletividade. Portanto, a ausência da sensação de continuidade e a relação de atrito entre homem e meio social ajudam a reforçar a solidão vivenciada na modernidade.

É, portanto, nesse contexto heterogêneo e tumultuado da modernidade que Brandão insere a saga de um ser fictício que, inesperadamente, vê-se diante do fato insólito da perda da mão. Perante isso, faz-se a seguinte pergunta: por que a mão era tão importante para a personagem, a ponto de ela perder sua vida na busca por esse membro? O conto apresenta algumas pistas que sinalizam para uma relação de proximidade afetiva entre esse ser e sua mão. Em primeiro lugar, sua profissão de escrevente dependia diretamente de sua mão, e o próprio reconhece isso: “Um escrevente sem mãos?” (BRANDÃO, 2000, p. 47). Além disso, partindo para um lado mais simbólico, pode-se estabelecer uma relação entre a mão da personagem e sua vida, explicitada ao se referir às linhas presentes na mão como representativas das linhas de sua vida: “Na palma estão as linhas de minha vida, não gostaria de perdê-las.” (BRANDÃO, 2000, p. 58); “As linhas da vida... ah, aquelas linhas.” (BRANDÃO, 2000, p. 60). Por fim, o protagonista assinala e reconhece o impacto causado em sua vida pela perda da mão, através do que se percebe a importância e o valor que esse membro assumia para ele: “Nem quando a mulher o tinha deixado para se juntar ao dono de uma locadora de vídeos tinha sentido tanto.” (BRANDÃO, 2000, p. 41).

Além dessas evidências apresentadas pelo conto, a mão, conforme Chevalier e Gheerbrant (2009), é símbolo de atividade, poder e dominação, o que corrobora a linha de interpretação que considera a mão como uma parte importante e significativa para a personagem, ao representar seu agir e seu poder. A partir disso, pode-se interpretar a simbologia da mão no conto como representativa, metonimicamente, do duplo do sujeito. A mão é como uma espécie de extensão do eu, por ser uma parte do próprio ser, mas que, devido à importância assumida com sua perda, é alçada a uma condição de quase ser autônomo (ou o outro da personagem), razão pela qual ela se reveste de uma significação tão especial. A cisão operada no ser leva-o à busca pela mão, ou melhor, pelo seu duplo. Uma vez que se coloca em

cheque a problemática da identidade, a perda da mão o conduz, inevitavelmente, a um questionamento de seu próprio eu e de sua existência e o faz reavaliar uma série de situações anteriores de sua vida.

Além do evento principal representado pela perda da mão, o tema da cisão aparece recorrentemente na narrativa, por exemplo, através das divagações da personagem: “Vai ver, há partes que se destacam, só que nunca precisamos retirá-las [...]” (BRANDÃO, 2000, p. 31). Essa possibilidade de fragmentação física do corpo humano é levada a consequências extremas pela personagem em seus devaneios: “E se todas as partes do corpo forem removíveis? De repente, solta-se a perna, o joelho, a coxa, a barriga. Que maravilha ser a cabeça e olhar pedaços do próprio corpo espalhados.” (BRANDÃO, 2000, p. 35). Por fim, a imaginação fantasiosa leva o protagonista da narrativa aos limites do absurdo, quando visualiza a possibilidade de duplicação de si mesmo caso perdesse também a cabeça, tornando-se, portanto, dois: o homem-cabeça ou o homem-sem-cabeça.

Evidentemente, por mais absurdo que possa parecer à primeira vista, nada é gratuito numa narrativa curta. Qual seria, então, a razão de ser desses eventos fantasiosos? Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que tais episódios não se encontram desarticulados da trama narrativa. Ao contrário, eles relacionam-se com o acontecimento inicial da perda da mão e são, por assim dizer, consequências deste: é a cisão do membro que leva o pensamento da personagem para essas veredas da fantasia e da imaginação. Além disso, devido à ocorrência primeira, a temática da cisão, ao longo da narrativa, tem a função de complementar a impressão inicial deixada no leitor pela perda da mão, reforçando, portanto, a noção de fragmentação do ser.

Esse esfacelamento físico e exterior tem como correlato interno a psicologia de um sujeito em crise: um homem de meia idade, escrevente de um cartório (ofício este, aliás, em vias de extinção), abandonado pela mulher; enfim, um sujeito solitário, marginalizado na vida e no trabalho e que, inesperadamente, perde sua mão numa caixa de correio, fator esse considerado o estopim responsável pela sua desestabilização completa. De um ponto de vista alegórico, pode-se considerar esse esfacelamento físico da personagem no conto como uma metáfora do sujeito moderno. Afinal, não seria essa a imagem mais emblemática do homem moderno, a do ser dividido, esfacelado, fragmentado? Aragão (1991), discutindo sobre as facetas do Narciso moderno, aponta, possivelmente, um dos mais importantes traços que caracterizam o sujeito na modernidade, a saber, a consciência de sua dualidade e de sua fragmentação. No conto, a figura do sujeito mutilado torna-se impressiva e forte, uma vez que a divisão rompe os limites da identidade e da constituição subjetiva do sujeito para se materializar em sua constituição física, através da imagem do corpo esfacelado.

O caráter ilógico da narrativa instaura uma atmosfera fantástica no conto, uma vez que tal acontecimento, ao transcender a racionalidade, pertence à categoria de

fatos não explicáveis pelas leis naturais. Isso provoca a hesitação do leitor – uma das condições para a instauração do fantástico, conforme Todorov (2008) –, haja vista que aquele não consegue compreender e enquadrar tal acontecimento como um evento natural, tampouco aceitá-lo como um elemento sobrenatural. Desse modo, o leitor flutua, ao longo da narrativa, entre esses dois polos, indefinidamente.

Além disso, o fantástico apresenta no conto uma perspectiva crítica muito clara: algumas das situações absurdas, acima mencionadas, denunciam abertamente comportamentos e práticas ilícitas verificadas em instituições públicas, assim como certas posturas assumidas pelo homem e pela sociedade modernos. Nesse sentido, o fantástico adquire, aqui, um tom de denúncia, em que a aparente banalidade e absurdez do enredo encobrem um tom irônico e crítico, entrecortado com algumas doses de humor. O desfecho do conto revela, possivelmente, a crítica mais nua e incisiva ao homem e mundo modernos, através de uma imagem forte e impactante: a mão, em cuja busca seu dono perde a vida, é comida por um cachorro. Isso aponta para uma imagem de mundo em que as relações humanas autênticas valem cada vez menos e a vida torna-se sem valor e descartável.

Nesse conto de Brandão, a temática do duplo assume uma configuração particular. A mão, embora sem vida própria, é alçada à condição de duplo da personagem, principalmente por introduzir no interior desse sujeito o questionamento de sua identidade. A cisão que impõe um corte entre a mão e o restante do corpo instaura uma dinâmica específica na relação entre o sujeito e seu duplo: embora separada, mantém uma relação de pertencimento com seu dono, além de ser metonimicamente considerada como representativa do outro da personagem. Apesar disso, não se pode falar aqui de uma continuação física, como se concebe numa acepção tradicional, entre o indivíduo e seu duplo: mais importante do que a relação de espelhamento é a problematização da identidade inserida na psicologia do sujeito por meio da perda da mão. Desse modo, a busca da mão perdida na caixa do correio, empreendida pelo sujeito, assume duas dimensões: no plano exterior, trata-se da recuperação do membro perdido; no plano subjetivo, reflete uma procura por si mesmo. Quanto à origem, evidencia-se na narrativa um duplo por cisão, de acordo com a classificação de Bargalló (apud LAMAS, 2002). Seguindo a tipologia de Jourde e Tortonesi (apud LÓPEZ, 2006), trata-se de um duplo subjetivo, já que o protagonista da narrativa se confronta com seu próprio duplo, e externo, pois este assume uma forma física, no caso a mão que representa, metonimicamente, o outro da personagem.

Por fim, pode-se destacar o tom risível que adquirem algumas situações vivenciadas pelos personagens na narrativa. Abundantes, elas conectam-se, direta ou indiretamente, ao fenômeno insólito motivador da trama (a perda da mão), brotando com naturalidade ao longo de toda a história. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), a mutilação está, quase sempre, relacionada a uma desqualificação, já que imprime uma marca que diferencia negativamente o sujeito das demais pessoas

que constituem a sociedade: “O deformado, o amputado, o estropiado têm isso em comum: acham-se colocados à margem da sociedade humana [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 628). Assim, a deformidade física da personagem, na medida em que a diferencia das demais pessoas, aparece, a princípio, como um campo em potencial do riso a ser explorado. Tratando especificamente do riso, Bergson (1983) destaca alguns aspectos importantes sobre ele: (1) é próprio do ser humano; (2) é insensível; (3) funciona como uma forma de correção de uma imperfeição individual ou coletiva; (4) é inconsciente, pois o personagem cômico torna-se visível para os outros e invisível para si mesmo. No conto analisado, verificam-se com nitidez esses aspectos acima apontados: a personagem, inserida num corpo social, diferencia-se negativamente das demais devido a uma imperfeição causada pela perda de uma parte de seu corpo. À medida que se entrega por completo à tentativa de recuperar a parte do corpo mutilada, vivencia situações inusitadas que causam o riso no expectador (e no leitor). Esse efeito é conseguido graças à insensibilidade do narrador (e, mais uma vez, do leitor que o acompanha) em relação aos acontecimentos, pois no riso não há espaço para a emoção. Bergson (1983) lembra ainda que a ridicularização é um fator propiciador do riso. Em *Brandão*, o esfacelamento do corpo constitui atributo que causa a diferença, na medida em que a quebra de um protótipo motiva o riso. Assim, embora circulando ao longo dos anos no domínio extraoficial e na literatura considerada menor (cf. BAKHTIN, 1987), o riso aparece nesse conto de *Brandão* como uma importante ferramenta que ajuda a compor uma visão crítica do homem e da sociedade modernos. Arelado a uma crítica social contundente, o riso atua, pois, como importante ferramenta de denúncia de condições sociais degradantes às quais o homem moderno está submetido: o “sério” é expresso por meio de uma literatura bem-humorada, dialética intrínseca à produção de contos desse escritor.

Conclusão

Neste trabalho, a problemática da identidade foi abordada tendo como referência norteadora o mito do duplo, à luz de perspectivas clássicas e modernas. Apesar de sua tradição, verificada por sua inscrição em diferentes discursos humanos ao longo da história (religião, filosofia, mitologia, literatura), o mito do duplo vem, no decorrer desses séculos, mostrando sua fertilidade. Dentre os campos do conhecimento acima citados, a literatura despontou como verdadeiro “conservatório dos mitos”, segundo palavras de Brunel (1998), em virtude da adaptabilidade de tal tema a diferentes contextos e das suas infinitas possibilidades de reescritura. Entretanto, o mito não funciona aqui como uma camisa de força que aprisiona o autor e obriga-o a seguir determinadas condutas, pois, conforme afirma Mielietinski (1987), o conteúdo do mito, no campo literário, é ressignificado e reinventado, renovando-se continuamente.

No contexto moderno, o tema da identidade é problematizado de maneira incisiva em diversos domínios e, particularmente, na literatura, em que as representações de sujeitos cindidos e esfacelados se colocam como determinantes no conto brasileiro contemporâneo. Sendo assim, procurou-se, nesse trabalho, verificar as configurações assumidas pelo mito do duplo no conto “A mão perdida na caixa do correio”, de Ignácio de Loyola Brandão, autor contemporâneo e representativo da literatura brasileira atual em que a problemática da identidade, e especificamente o tema do duplo, ganha destaque.

Nesse conto de Brandão, o tema da dualidade aparece como consequência ou desdobramento de uma situação insólita vivenciada pelo personagem: um evento inusitado acomete o personagem, quando acontece a perda de uma parte de seu corpo. Dessa forma, o fenômeno da duplicidade opera-se através de uma cisão imposta ao personagem. Essa cisão instaura um processo de busca pela parte faltante, o que, num plano metafórico, aponta para a procura da verdadeira identidade do sujeito em um mundo burocratizado e governado por rígidas normas de conduta e de comportamentos que inibem a liberdade individual em prol de um suposto bem-estar coletivo. Para Chevalier e Gheerbrant (2009), a mutilação assume valor simbólico de iniciação. Na narrativa, essa iniciação é representada pelos questionamentos existenciais instaurados no interior do sujeito em razão da perda, o que o leva a uma melhor compreensão de si e do mundo a sua volta. Assim, a cisão exterior, verificada devido à perda da mão, reflete, no plano subjetivo, um esfacelamento interior desse sujeito, expressão da instabilidade psíquica e de uma crise de identidade.

Dessa forma, pode-se concluir que a busca da mão remete à procura do duplo especular que permite ao sujeito diferenciar-se e reconhecer-se como uma individualidade. Ademais, revela, simbolicamente, a procura pela verdadeira natureza e essência do ser, o resgate e o desenvolvimento das potencialidades do sujeito que o guiam no caminho de sua individuação. Essa procura pela individualidade e pela diferenciação contrasta, pois, com os movimentos de massificação no processo de construção identitária e de dessubstancialização do sujeito humano verificados no contexto atual, os quais acabam por igualar os sujeitos pela impossibilidade de expressão de suas potencialidades. Portanto, a perda da mão nesse conto de Brandão desperta o personagem, que parecia viver no que Cavalcanti (1997) define como “escravidão psíquica”, em sua negação da verdadeira essência.

No contexto da modernidade, em que as identidades se mostram instáveis e descentradas, o mito do duplo aparece com vigor, inscrevendo-se como importante motivo literário a partir do qual se realiza a representação dessa crise identitária do homem moderno, esfacelado, fragmentado e cômico de sua duplicidade. Na literatura contemporânea, o mito do duplo vem reinventando-se e atualizando-se, como se verifica no caráter mimético do conto investigado e no diálogo entre a literatura e o mito.

SILVA, A. M. M.; LEITE, F. E. G. The double and the unusual in character's representation in the short story "A mão perdida na caixa do correio". **Itinerários**, Araraquara, n. 42, p. 127-143, jan./jun. 2016.

■ **ABSTRACT:** *Questions related to the identity of self have always drawn the interest and inquietude of scholars in the most varied epistemological fields. Taking this fact as reference, this paper has the purpose of analyzing the configuration which the myth of the double assumes in Ignácio de Loyola Brandão's short story "A mão perdida na caixa do correio". The short story presents the difficult task of an identity construction in an unstable world nowadays. The phenomenon of duplicity is represented through a fission operated in the subject and it reflects the subject's search for the rescue of the self latent potentialities inhibited by the society. In this sense, it's object of discussion is the crisis of identity experienced by the modern subject, according to which the doubled human being is the sign of a fragmented and unfolded self. In spite of keeping in its essence the symbol of the identity search, the myth of the double is updated in this contemporary Brazilian short story, as a way of adapting itself to the demands of its historical context.*

■ **KEYWORDS:** *Double. Fission. Brandão.*

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, V. O estilhamento de Narciso na modernidade. In: CARDOSO, Z. A. (Org.). **Mito, religião e sociedade:** Atas do IICongresso Nacional de Estudos Clássicos. São Paulo: SBEC, 1991. p. 69-74.

BAKHTIN, M. Rabelais e a história do riso. In: _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987. p. 51-123.

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BERGSON, H. **O riso:** ensaio sobre a significação do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BRANDÃO, I. L. **O homem que odiava a segunda-feira:** as aventuras possíveis. 3. ed. São Paulo: Global, 2000.

BRAVO, N. F. Duplo. In: BRUNEL, P. **Dicionário de mitos literários.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998. p. 261-288.

BRUNEL, P. Prefácio. In: _____. **Dicionário de mitos literários.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998. p. 15-20.

CANDIDO, A. A literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 17-39.

CAVALCANTI, R. **O mito de Narciso**: o herói da consciência. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 24. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2009.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAMAS, B. S. **Lygia Fagundes Telles**: imaginário e a escritura do duplo. 2002. 296 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1848/000310382.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 out. 2009.

LÓPEZ, R. M. **Las manifestaciones del doble en La narrativa breve española contemporánea**. 2006. 663 f. Tese (Doutorado em Literatura Espanhola) – Departamento de Filología Española, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2006. Disponível em: <<https://ddd.uab.cat/pub/tesis/2006/tdx-1013106-110206/rml1de1.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2010.

LUKÁCS, G. O romance como epopeia burguesa. **Ensaio Ad Hominem**, São Paulo, tomo 2 - Música e Literatura, n. 1, p. 87-117, 1999.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Recebido em 14/10/2015

Aceito para publicação em 20/12/2015



